

RETRATOS DA FOME: VIVÊNCIAS DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE INSEGURANÇA ALIMENTAR NO ENTORNO DO MERCADO MUNICIPAL DE SÃO PAULO¹

João Pedro Marinho Rodrigues – UFU/MG

Resumo

Este trabalho tem como objetivo narrar as vivências de pessoas que habitam as proximidades do Mercado Municipal de São Paulo – SP e que buscam em seu entorno alimentos descartados para complementar sua alimentação. Com enfoque em compreender suas histórias e como estas convergem com temas como a Insegurança Alimentar e Nutricional (IAN), investigando as razões pelas quais essas pessoas, apesar de viverem ou trabalharem nas proximidades de um dos maiores centros de distribuição de alimentos do Brasil, enfrentam algum grau de insegurança alimentar. Analisando também as dinâmicas de abundância e escassez que afetam essas pessoas, as desigualdades e dificuldades decorrentes da falta de acesso aos alimentos, bem como a negligência do Estado e outros fatores que as colocam em situação de vulnerabilidade.

Palavras-Chave: Vivências Urbanas; Insegurança Alimentar e Nutricional; Desigualdades.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024);

Introdução

Este estudo tem como objetivo explorar as experiências de indivíduos que residem nas proximidades do Mercado Municipal de São Paulo e que dependem de alimentos descartados para complementar sua alimentação. A pesquisa busca compreender as dinâmicas de insegurança alimentar e desigualdade social ao redor do Mercado, oferecendo uma perspectiva humanizada e crítica sobre as vivências daqueles que habitam as margens da abundância.

Baseado nesses elementos, o estudo se fundamenta na ideia de investigar as vivências de pessoas em situação de insegurança alimentar no entorno do Mercado Municipal de São Paulo. A intenção é entender como essas pessoas, apesar da proximidade com um dos maiores centros de distribuição de alimentos do Brasil, ainda enfrentam desafios significativos para garantir sua alimentação diária.

Para isso, foi desenvolvida uma metodologia que parte das experiências dos indivíduos estudados. As vivências desses indivíduos ilustram as variadas estratégias de sobrevivência adotadas por pessoas marginalizadas, revelando criatividade e resiliência diante das adversidades. Através da análise dessas histórias, o trabalho evidencia as contradições urbanas de São Paulo e a necessidade urgente de políticas públicas que abordem as raízes estruturais da desigualdade.

O texto segue uma narrativa que contextualiza o Mercado Municipal de São Paulo, conhecido como Mercadão, destacando sua importância como um centro de diversidade gastronômica e atividade comercial. Em contraste, revela as realidades sociais e econômicas da região, destacando as histórias de indivíduos que enfrentam a insegurança alimentar diariamente.

Em suma, este trabalho não apenas contribui para o entendimento das complexas dinâmicas de insegurança alimentar em áreas urbanas, mas também reforça a urgência de políticas públicas que atuem nas raízes estruturais da desigualdade.

O Mercado e seu entorno

O Mercado Municipal de São Paulo, popularmente conhecido como Mercadão, é um dos pontos turísticos mais emblemáticos da cidade. Inaugurado em 1933, o Mercadão

está localizado na Rua da Cantareira, no centro da cidade, próximo à famosa Rua 25 de Março. O edifício, projetado pelo arquiteto Francisco Ramos de Azevedo, é um impressionante exemplo de arquitetura neoclássica com influências góticas (Imagem 1). Seus vitrais, criados pelo artista russo Conrado Sorgenicht Filho, são um dos destaques visuais do mercado, com 32 painéis que retratam cenas agrícolas (Imagem 2).



Imagem 1: fachada do Mercado Municipal de São Paulo.



Imagem 2: um dos vitrais que adornam o Mercado Municipal de São Paulo.

Conhecido por sua imponente arquitetura e diversidade de produtos, o mercado atrai diariamente milhares de pessoas, desde moradores locais até turistas e comerciantes de diversas partes da cidade e do país. Contudo, além do constante fluxo de visitantes, o entorno do mercado revela uma realidade marcada por contrastes e complexidades sociais.

A região onde o mercado está localizado é caracterizada por uma mistura de atividades comerciais, residenciais e de serviços. Grandes edifícios comerciais coexistem com moradias populares, enquanto pequenas lojas dividem espaço com estabelecimentos informais e vendedores ambulantes. Essa diversidade econômica e social contribui para um cenário dinâmico, mas também acentua as desigualdades presentes.

Durante o dia, a área ao redor do Mercado Municipal é um centro de intensa atividade. Comerciantes gritam ofertas especiais para atrair clientes, turistas tiram fotos das frutas exóticas e dos famosos sanduíches de mortadela e trabalhadores locais se apressam em suas tarefas diárias. As ruas são um mar de cores, sons e aromas, refletindo a vibrante vida urbana de São Paulo.

Entretanto, essa aparência de prosperidade esconde as dificuldades enfrentadas por muitos moradores da região. Nas ruas próximas ao mercado, é comum encontrar pessoas que dependem dos alimentos descartados para sobreviver. Elas vasculham lixeiras e esperam o fechamento das bancas para recolher frutas, legumes e outros produtos que ainda estão em boas condições, mas que não serão vendidos no dia seguinte.

Essas pessoas, invisíveis na dinâmica cotidiana, são provas vivas das desigualdades sociais e econômicas que existem mesmo em áreas de aparente abundância. Muitos são trabalhadores informais, desempregados ou pessoas em situação de rua que enfrentam diariamente a luta pela sobrevivência em um ambiente marcado pela abundância de recursos, mas pela desigualdade no acesso a eles.

À noite, a dinâmica da região muda drasticamente. As lojas fecham, não há fluxo de turistas e as ruas são tomadas por uma feira livre, onde são vendidos alimentos para comerciantes – donos de barracas em feiras livres da capital e região ou até donos de restaurantes – e pessoas comuns, com preços mais acessíveis. Este comércio noturno é forte e movimentado. No entanto, para aqueles que dependem dos alimentos descartados, a busca continua. Pessoas se juntam em torno dos pontos onde os comerciantes deixam

os produtos descartados, compartilhando histórias e ajudando uns aos outros em uma rede de solidariedade formada pela necessidade.

Além das questões de insegurança alimentar, a área central de São Paulo também enfrenta desafios relacionados à habitação. O elevado custo de vida na cidade empurra muitos para moradias precárias ou para as ruas. A proximidade com o mercado e outros serviços essenciais faz da região um local atrativo, apesar das dificuldades, para aqueles que não têm outra opção.

As desigualdades sociais são visíveis não apenas na alimentação, mas também nas condições de vida. Enquanto alguns moradores desfrutam de apartamentos confortáveis com vistas para a cidade, outros improvisam abrigos em áreas abandonadas ou se amontoam em quartos minúsculos de cortiços, uma disparidade chocante onde a abundância e a privação coexistem de maneira bruta.

A presença do Mercado Municipal, um símbolo de fartura e diversidade gastronômica, contrasta fortemente com a realidade de quem vive em seu entorno. Este cenário de contrastes destaca a complexidade das questões urbanas em São Paulo, onde políticas públicas inadequadas e a falta de apoio social agravam a situação de vulnerabilidade de muitos indivíduos.

Assim, compreender as dinâmicas do entorno do Mercado Municipal é fundamental para abordar as questões de insegurança alimentar e desigualdade social na cidade. O mercado, com toda a sua opulência e variedade, é também um microcosmo das grandes contradições urbanas do Brasil, refletindo a necessidade urgente de soluções que promovam a inclusão e a equidade em todos os níveis da sociedade.

As idas ao Mercado e as dificuldades na realização da pesquisa

O processo de inserção de campo foi conturbado e deveras complicado, começando pela localização – uma vez que atualmente moro em Uberlândia, Minas Gerais e o mercado está localizado a aproximadamente 590 km de distância na cidade de São Paulo – até os desafios de contato com os indivíduos que são interlocutores desta pesquisa.

A localização do mercado – região central da cidade de São Paulo – indica que os indivíduos que ali estão não pertencem a uma única camada socioeconômica. A diversidade encontrada no local, com pessoas de diferentes origens, classes sociais e ocupações, é um reflexo das dinâmicas complexas e variadas presentes em uma metrópole como São Paulo, assim como pode ser observado anteriormente.

Essa heterogeneidade trouxe desafios adicionais para a pesquisa, especialmente no que tange à aproximação e ao estabelecimento de um diálogo com os sujeitos em questão. Cada indivíduo carrega consigo um conjunto único de experiências e perspectivas, o que exigiu adaptação constante e sensibilidade para entender e respeitar suas realidades.

Além disso, o fluxo intenso e constante de pessoas no Mercado dificultou a coleta de dados, uma vez que muitos indivíduos estão sempre em movimento e com pouco tempo disponível para interações prolongadas. A comunicação com os participantes foi, portanto, um exercício contínuo de negociação, onde o respeito ao tempo e ao espaço do outro se mostrou essencial para o sucesso do estudo.

Diante das adversidades, foi necessário desenvolver estratégias criativas e flexíveis para estabelecer um contato eficaz e construir uma relação de confiança com os indivíduos. Isso envolveu a utilização de abordagens variadas. Uma das estratégias foi engajar-se em conversas informais durante as atividades diárias dos indivíduos, aproveitando momentos cotidianos para iniciar diálogos naturais. Essa abordagem facilitou a criação de um ambiente menos formal, permitindo que as pessoas se sentissem mais à vontade para compartilhar informações e sentimentos, o que ajudou a construir um relacionamento genuíno e próximo.

Outra estratégia envolveu dedicar horas observando as pessoas e compreendendo as relações de cada um no ambiente. Através dessa observação direta, foi possível captar nuances comportamentais e emocionais que não seriam facilmente percebidas de outra forma. Esse processo de imersão permitiu uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e das interações entre os indivíduos, revelando influências, redes de apoio e contextos pessoais que moldam suas ações e decisões.

Essas abordagens criativas e flexíveis, foram essenciais para não apenas estabelecer um contato eficaz, mas também para construir uma relação de confiança

sólida e duradoura, fundamentada na empatia, compreensão mútua e respeito pelos valores e contextos individuais.

Em resumo, o processo de inserção ao campo, apesar de complicado e desafiador, proporcionou uma oportunidade valiosa de aprendizado e crescimento, tanto pessoal quanto profissional. As dificuldades encontradas foram superadas através da resiliência e da capacidade de adaptação, elementos fundamentais para qualquer pesquisa de campo bem-sucedida.

Sujeitos marginalizados e a Insegurança Alimentar e Nutricional (IAN)

Durante o período entre o último mês de 2023 e os cinco primeiros meses de 2024, dediquei-me a ouvir diversas histórias de pessoas que vivem ou circulam nas proximidades do Mercado Municipal de São Paulo. Desde o início, pude observar características marcantes nos indivíduos que se tornaram interlocutores essenciais para minha pesquisa.

No primeiro dia de campo, enquanto eu observava e fotografava o entorno do mercado, deparei-me com um diálogo entre dois trabalhadores da limpeza urbana que reforçava o estigma associado aos "moradores de rua". A conversa revelava tons de preconceito e desdém, levando-me a refletir sobre os conceitos de Goffman (1981) acerca do estigma e da construção da identidade social.

Segundo Goffman (1981), o estigma é uma atribuição negativa que desqualifica o indivíduo, relegando-o a uma posição de inferioridade na sociedade. Essa dinâmica tornou-se evidente nas conversas que observei, onde os moradores de rua frequentemente eram desumanizados e marginalizados. Goffman (1981) argumenta que o estigma não se limita a uma marca física ou social, mas é uma construção que impacta profundamente a identidade e as interações sociais dos indivíduos estigmatizados.

Além disso, Bourgois e Schonberg (2009), em seu trabalho etnográfico com populações marginalizadas, destacam como essas interações sociais reforçam ciclos de exclusão e violência estrutural. Eles enfatizam que a marginalização não é meramente uma consequência da pobreza, mas um processo ativo de exclusão social que perpetua a desigualdade e a vulnerabilidade. As interações observadas no entorno do mercado

ilustram como os moradores de rua são frequentemente alvo de desdém e preconceito, intensificando sua exclusão social e econômica.

A insegurança alimentar é um fenômeno complexo, influenciado por múltiplos fatores econômicos, sociais e políticos. Segundo a Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN), a segurança alimentar é o direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente para uma vida saudável, sem comprometer outras necessidades essenciais. No Brasil, a insegurança alimentar está frequentemente associada à pobreza e à desigualdade social, sendo mais prevalente em regiões com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e alta vulnerabilidade social.

Amartya Sen, em sua obra "Poverty and Famines" (1981), argumenta que a insegurança alimentar não se restringe à escassez física de alimentos, mas à capacidade das pessoas de acessá-los. Sen introduz o conceito de "entitlements" (direitos), que se refere às formas pelas quais as pessoas podem obter alimentos, incluindo renda, produção própria e transferências sociais. Essa perspectiva é crucial para compreender como a insegurança alimentar se manifesta em contextos urbanos, onde a disponibilidade de alimentos pode ser alta, mas o acesso é limitado por barreiras econômicas e sociais.

Em "Geografia da Fome" (1946), Josué de Castro argumenta que a fome não é simplesmente um fenômeno natural, mas uma consequência das estruturas sociais, políticas e econômicas desiguais. Ele enfatiza que a má distribuição de riquezas e recursos, e não a falta absoluta de alimentos, é a principal causa da fome. Castro também introduz o conceito de "áreas de fome", identificando as regiões mais afetadas pela insegurança alimentar no Brasil. Sua análise demonstra que a fome é um reflexo do subdesenvolvimento, intimamente ligado à organização capitalista do território, marcada pela concentração de terras e pela monocultura.

Por outro lado, Jesús Contreras (2011), explora como as práticas alimentares são moldadas por fatores culturais, sociais e econômicos. Ele argumenta que a alimentação é um fenômeno complexo que vai além da simples ingestão de nutrientes, envolvendo aspectos simbólicos e identitários. Contreras (2011) destaca que a insegurança alimentar não pode ser dissociada das desigualdades sociais e das políticas públicas que influenciam

o acesso aos alimentos. Sua abordagem enfatiza a necessidade de considerar as dimensões culturais e sociais ao desenvolver políticas de segurança alimentar.

Estes encontros iniciais destacam a importância de compreender como as narrativas e atitudes cotidianas perpetuam estigmas e moldam a percepção pública dos moradores de rua. É fundamental considerar essas dimensões ao formular políticas públicas e estratégias de assistência social, promovendo intervenções que respeitem e valorizem esses indivíduos. A análise dessas dinâmicas pode contribuir para a criação de políticas mais inclusivas e eficazes, que abordem não apenas as necessidades materiais, mas também os aspectos sociais e psicológicos da marginalização.

Sujeitos em movimento e a busca de comida e dignidade

Este momento será dedicado a detalhar algumas das histórias descobertas durante as incursões de campo realizadas pelo autor. Optamos por não gravar as abordagens, nem em áudio, nem em vídeo, tanto por motivos de segurança dos entrevistados quanto do pesquisador, quanto porque a realização de gravações não permitiria uma abordagem natural dos indivíduos nos locais onde eles transitam, algo considerado fundamental para a metodologia a ser desenvolvida. Optou-se por descrever os relatos com anotações.

Passado isto, abro um espaço para descrever um pouco de cada história na qual me deparei durante estes meses de pesquisa. Começando com “M” – nome fictício para preservar a identidade do indivíduo, assim como será feito durante todas as descrições das histórias –, um homem negro com idade próxima a 40 anos. Ele transitava pela rua Comendador Assad Abdalla, uma das laterais do Mercado.

“M” não se sentiu confortável para gravarmos a nossa conversa, mas aceitou que eu fizesse algumas anotações sobre seus relatos. A descrição feita por ele abordou como funciona o seu dia a dia; ele disse não se orgulhar de “morar nas ruas”, mas que busca sempre restabelecer a sua dignidade.

Ele anda todos os dias pelo entorno do Mercado selecionando alimentos que foram descartados, mas que ainda estão, ao seu ver, aptos para o consumo e, posteriormente, vender os itens para outras pessoas com preços mais baixos – um subcomércio. Essa prática realizada por “M” garante sua subsistência nas ruas da capital, pois ele utiliza os valores que consegue com as vendas para manter-se e, em muitos dos casos, também se

alimenta com esses produtos selecionados, sendo uma espécie de complementação da sua alimentação diária e, em alguns dias, sua única fonte de alimentação.

“M” também relatou como fazia a seleção desses alimentos que ainda estão aptos para a venda. Ele busca alimentos cuja aparência, cheiro e textura estejam minimamente aceitáveis para os padrões de quem, como ele, vive neste subcomércio de necessidades. Rejeitado pelo comércio oficial de alimentos, estes produtos se convertem em meio de sobrevivência de outros, que também estão em camadas desiguais, mas reunidos em torno do Mercado na busca pela subsistência.

Antes de finalizar nossa conversa, “M” me permitiu tirar uma foto que retrata seu dia de trabalho. Na imagem abaixo (Imagem 3), é possível vê-lo selecionando os alimentos do dia, especificamente mangas. A foto captura a dedicação e a meticulosidade com que ele realiza essa tarefa diária, refletindo seu esforço contínuo para manter sua dignidade e sustento nas ruas.



Imagem 3: foto capturada pelo autor e autorizada pelo entrevistado.

Alguns dias adiante, deparei-me com “J”, um homem negro de pouco mais de 20 anos, magro e com roupas curtas, pés calçados em um tênis furado. Ele me suplicou: "Tenho fome, por favor, me ajude”.

Ao começarmos nosso diálogo, “J” disse não ter se alimentado desde a tarde do dia anterior – aproximadamente 16 horas de jejum – e logo aprontei-me a ajudá-lo a se levantar do chão e fomos para dentro do Mercado Municipal Kinjo Yamato – localizado em frente ao Mercado Municipal de São Paulo e que possui uma variedade de bancas de alimentos, em sua maioria asiáticos e árabes, e preços mais atrativos se comparado ao Mercado.

“J” relatou ser natural de Bom Jesus da Lapa, uma cidade no interior da Bahia e que foi para São Paulo para tentar uma vida melhor – história que divide com muitos dos migrantes e imigrantes que vivem por toda a capital. Ao chegar em São Paulo ele se deparou com uma dura realidade a qual o colocou para viver nas ruas, andando por toda a região central e lutando por sua sobrevivência.

Ele mencionou também que ao ver-se nessa posição começou a consumir drogas, coisa que o levou a situações ainda mais difíceis. A dependência química rapidamente tornou-se um obstáculo intransponível, afetando não apenas sua saúde, mas também sua capacidade de buscar trabalho e manter-se.

Durante nossa conversa, perguntei a "J" se ele tinha contato com os alimentos que eram descartados dentro da região. "J" disse que, em algumas ocasiões, consome muitos desses alimentos, mas que naquele dia as opções eram poucas, pois os alimentos que ele havia encontrado já estavam em um estado impróprio para o consumo.

Ele explicou que, muitas vezes, precisa vasculhar o lixo encontrados pelas ruas da região em busca de algo que ainda possa ser comido. "J" revelou que essas situações de necessidade extrema e falta de acesso a alimentos básicos só aumentam seu desespero e sua vulnerabilidade.

Cada dia é uma luta para encontrar algo comestível, e muitas vezes ele precisa escolher entre arriscar comer algo que pode estar estragado ou passar fome. Ao finalizarmos nossa conversa, "J" agradeceu pela comida e pela escuta. Ele mencionou

que, muitas vezes, as pessoas o tratam como invisível, ignorando sua presença e sua situação.

Partindo desta história, salto para o dia em que conheci “A”, um homem negro de 50 anos. Ele foi o mais cauteloso entre todos os que dialoguei durante a pesquisa. “A” se mostrou recluso e com pouca vontade de detalhar suas vivências durante toda a conversa. Ele mencionou que trabalha na região com carga e descarga de mercadorias, em sua maioria alimentos, pela área do mercado.

Quando perguntei sobre os alimentos descartados, “A” fez questão de esclarecer que não “morava” na rua e que vinha todos os dias de São Miguel Paulista para prestar serviços aos comerciantes da região. Ele adicionou que muitas vezes ganha dos lojistas alguns alimentos para levar para casa, o que é imprescindível para manter a alimentação de sua família, pois mesmo com o trabalho não é possível sustentar plenamente as necessidades alimentares de todos.

"A" destacou que o custo de vida é alto e, apesar da esposa ter um emprego e ele conseguir dinheiro com os serviços ali prestados, o salário não é suficiente para cobrir todas as despesas básicas. Ele revelou que a ajuda dos lojistas é essencial para garantir que ele e sua família não passem fome. Uma vez que a situação financeira ainda é muito precária, e os alimentos que recebe são uma forma de complementar a renda e assegurar que haja comida na mesa.

A breve passagem de "A" pelo trabalho proporcionou um novo ponto de partida para explorarmos a história de "R", uma mulher negra de 57 anos. Durante nosso encontro, ela exibia olhos roxos e inchados, vestia-se bem e aparentava ter acabado de se banhar, detalhes que ressaltou ao compartilhar sua situação. Encontrei "R" pedindo esmolas para conseguir comer no Bom Prato, um programa governamental que oferece refeições subsidiadas. Infelizmente, suas tentativas de obter ajuda foram todas negadas, o que me levou a me aproximar e iniciar uma conversa.

Durante nosso diálogo, "R" revelou aspectos de sua vida marcados por dificuldades significativas. Ela mencionou estar lutando contra um câncer e ser vítima de violência doméstica, eventos que a levaram a viver nas ruas próximas ao mercado após a perda trágica de seu filho aos 33 anos. A partir dessas narrativas pessoais, ficou evidente que sua jornada é permeada por adversidades severas, onde a falta de recursos básicos como alimentação e moradia compõe um quadro de vulnerabilidade crônica.

No contexto específico da alimentação, "R" compartilhou experiências similares às de "J", um jovem que também enfrenta desafios significativos na busca por comida diária. Ela descreveu as dificuldades frequentes em encontrar alimentos adequados, muitas vezes recorrendo aos alimentos descartados nas redondezas. Além disso, "R" mencionou que vive com outras pessoas em situação similar, ampliando a complexidade de suas dificuldades cotidianas.

O impacto de nossa conversa se refletiu em um gesto simples, mas significativo: ofereci a "R" os únicos dois reais que tinha disponível. Esse pequeno gesto gerou um sorriso sincero de gratidão em seu rosto, evidenciando como a solidariedade e o apoio prático podem fazer uma diferença palpável na vida de indivíduos marginalizados como ela. Ela prontamente utilizou o valor para se juntar à fila do Bom Prato, onde finalmente teve a oportunidade de fazer sua primeira refeição do dia.

Dias após, abaixo do viaduto, próximo ao mercado, conheci "L", uma mulher negra de pele clara de aproximadamente 60 anos. Ao começarmos a conversa ela demonstrou ter muito receio de compartilhar certas informações e temia ainda denúncias para órgãos de saúde, para a prática acontecida ali.

A prática realizada por ela é parecida com a de "M", junto aos outros é feita uma seleção dos alimentos descartados durante a feira que acontece madrugada adentro, e após esta seleção, descrita por ela de maneira muito parecida com a de "M" – incluído os principais fatores para a seleção, como: aparência, cheiro e textura dos alimentos – é montada uma espécie de banca e ali começam as vendas.

É válido mencionar que "L" descreveu esta prática de seleção de forma muito incisiva e que acontece de forma constante, como foi visto pelo pesquisador, em muitos dos dias que estive por lá presenciei esta seleção e a exposição e venda dos alimentos.

Montada a banca, como pode-se observar nas fotos abaixo (Imagens 4 e 5), uma enorme variedade de alimentos é colocada à disposição dos compradores. Perguntada sobre seus clientes, "L" os descreve em sua maioria como donos de restaurantes da região que, na busca por preços mais baixos e grandes quantidade de alimentos, acabam comprando deles estes alimentos para o uso na produção de refeições.



Imagem 4: foto da barraca montada por “L” para as vendas dos alimentos recuperados.



Imagem 5: foto da barraca montada por “L” para as vendas dos alimentos recuperados.

“L” também mencionou que muitas donas de casa que vivem na região e até em outros bairros [compram]os alimentos para complementar a sua alimentação diária. Durante a entrevista presenciei um atendimento a uma cliente – que disse já comprar dela há pelo menos 6 meses. Ela comprou dois mamões, um maracujá, três tomates e cerca de uma dúzia de limões e pagou um valor inferior a dez reais para “L”.

A “estratégia de preços” diz respeito ao local e à competição com as lojas que também vendem alimentos. Como os alimentos são selecionados a partir de descartes feitos por essas lojas, os preços precisam ser baixos para garantir que todos os produtos sejam vendidos no mesmo dia, evitando, assim, novos desperdícios.

Nosso encontro foi finalizado com “L” dando continuidade em seu dia, reanalisando os alimentos que haviam sido selecionados e observando se alguns ainda iriam resistir as vendas do dia, e ali começa uma nova tarefa, que toma conta sucessivamente de sua rotina: ajustar os preços dos produtos que precisam ser vendidos rapidamente e garantir que cada item encontre um comprador antes de se deteriorar.

Considerações Finais

O Mercado Municipal de São Paulo, um ícone de diversidade gastronômica e de atividade comercial vibrante, serve como um microcosmo das complexas realidades sociais e econômicas da maior metrópole brasileira. Este trabalho revela não apenas a pulsante vida cotidiana e a prosperidade aparente dentro do mercado, mas também as duras realidades enfrentadas por aqueles que sobrevivem nas margens dessa abundância.

As histórias de "M", "J", "A", "R" e "L" destacam as diversas estratégias de sobrevivência adotadas pelos indivíduos marginalizados. "M", por exemplo, revela a prática diária de coletar e vender alimentos descartados, utilizando critérios rigorosos de seleção para garantir a segurança e a qualidade dos produtos. "J", um jovem migrante, ilustra a luta contínua contra a fome e a dependência química, enquanto "A" destaca a precariedade de trabalhadores informais que, apesar de empregados, dependem de doações para complementar a alimentação familiar. "R" e "L" acrescentam camadas adicionais de complexidade, com "R" enfrentando desafios de saúde e violência

doméstica, e "L" organizando uma rede de comércio de alimentos descartados, beneficiando-se da solidariedade e da necessidade coletiva.

Essas narrativas evidenciam a coexistência de abundância e privação no entorno do Mercado. A prática de selecionar e vender alimentos descartados não apenas garante a subsistência diária de muitos, mas também revela a criatividade e a adaptabilidade dos indivíduos em situações de vulnerabilidade extrema. A estratégia de preços baixos adotada por "L" e outros comerciantes informais é uma resposta direta à realidade econômica de seus clientes, que buscam produtos acessíveis em meio a um cenário de desigualdade.

A pesquisa também sublinha a importância de políticas públicas que abordem não apenas os sintomas da desigualdade, mas suas raízes estruturais. Ações como a ampliação do acesso a serviços sociais, programas de habitação e iniciativas de segurança alimentar são cruciais para tentar reduzir as desigualdades, ao menos em termos alimentares. A integração de políticas que promovam a redistribuição de recursos e a inclusão social pode mitigar as disparidades observadas e fornecer um caminho para a dignidade e a sustentabilidade.

A realidade observada no entorno do Mercado Municipal de São Paulo destaca a necessidade urgente de intervenções que reconheçam e valorizem as experiências dos mais vulneráveis. Programas de assistência alimentar, suporte habitacional e acesso a cuidados de saúde são fundamentais para enfrentar as desigualdades estruturais. Além disso, iniciativas que promovam a educação e o emprego formal podem proporcionar caminhos para a independência econômica e a inclusão social.

Em suma, a região em torno do Mercado Municipal de São Paulo, com sua diversidade e dinamismo, é um espelho das profundas contradições urbanas da cidade. Compreender essas dinâmicas é essencial para formular soluções que promovam inclusão, equidade e dignidade para todos os habitantes. Este estudo é um passo nessa direção, ressaltando a urgência de intervenções que reconheçam e valorizem as experiências e as necessidades dos mais vulneráveis, criando uma metrópole verdadeiramente inclusiva e sustentável. A transformação dessa realidade depende de um compromisso coletivo com a justiça social e a igualdade, refletindo a visão de uma São Paulo onde todos possam viver dignamente.

Referências Bibliográficas

CAMPELLO, T. H. G. B.; BORTOLETTO, A. P. **Da Fome à Fome: diálogos com Josué de Castro**. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2022. v. 1.

CASTRO, Josué. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. 10. Ed. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CONTRERAS, Jesús. **A modernidade Alimentar: entre a superabundância a insegurança**. História: questões & debates, v. 54, Curitiba, EDUFPR, 2011, p. 19-45.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

MERCADO MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Disponível em: <https://www.mercadomunicipalsp.com>. Acesso em: 19 de junho de 2024.

Oxfam Brasil. **O Enfrentamento à Fome no Brasil**. São Paulo: Oxfam, 2022. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/o-enfrentamento-a-fome-no-brasil/>>. Acesso em: 12 de junho de 2024.

RUI, Taniele. **Uma fotoetnografia do abuso**. Resenha de Bourgois, P. Schonberg, J. Righteous Dopefind. Tempo Social (USP. Impresso), v. 23, p. 305-317, 2011.

SALLES-COSTA, Rosana et al. **Sistemas Alimentares, fome e Insegurança Alimentar e Nutricional no Brasil**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2022.

SEN, Amartya. **Poverty and Famines: An Essay on Entitlement and Deprivation**. Oxford: Clarendon Press, 1981.

SILVA, A. B.; SOUZA, C. D. **Insegurança alimentar e nutricional no Brasil e sua correlação com indicadores de vulnerabilidade**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 25, n. 10, p. 3833-3846, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2020.v25n10/3833-3846/>>. Acesso em: 02 de julho de 2024.